

# LENIN E SUA IMAGEM\*

Edgar Carone\*\*

A Revolução de Outubro de 1917, poara muitos, aparece como fenômeno esdrúxulo. Nos primeiros anos, também afirma-se na Europa que a revolução teve caráter anárquico e sua liderança coube a radicais aventureiros. À deturpação dos críticos da burguesia internacional vêm-se acrescentar, entre 1918 e 1922, a idéia de que o bolchevismo é um movimento dirigido por oportunistas, que estava se enriquecendo à custa do proletariado. São abundantes as notícias divulgadas pela classe dominante onde se reproduzem, por exemplo, de maneira bombástica, falsas informações, como a de que a mulher de Lenin, N. Krupskaja, mandava fazer seus vestidos em Paris. (Notícia reproduzida pelo *O Estado de S. Paulo*).

Estas notícias começam a ser contra-atacadas, com bons resultados, quando os bolcheviques - através da III Internacional, e os comunistas, nos países capitalistas, iniciam uma contrapropaganda retratando a verdadeira situação na Rússia. A nova onda toma forma mais elaborada no decorrer do início da década de vinte. O primeiro momento será seguido de outro, quando o Partido Comunista Francês divulga intensa literatura, trampolim entre a nova Rússia e as populações latinas (Espanha, Portugal e a América Latina, do México à Argentina). É só a partir de então que a informação sobre o mundo revolucionário começa a se desenhar de maneira mais real.

Um dos tópicos mais acentuados da propaganda capitalista sobre a Rússia é aquela que se refere à análise da obra e da vida das lideranças da Revolução, especialmente a que diz respeito a Lenin (Vladimir Ilich Ulianov). De maneira sintética, podemos dizer que as informações variam entre uma avaliação realista

e um julgamento radicalmente inventivo. Só para ilustrar sobre a última afirmação: acentua-se que Lenin era um asiático de olhos puxados, o que fazia dele mais um oriental do que um europeu; deste modo, ele seria incluído entre aqueles indivíduos que a ideologia burguesa do século XIX acusava de serem pérfidos, traidores e sem escrúpulos, imagem esta aplicada a todos asiáticos, por parte de determinada "ciência" racista européia do século passado. Essa é a imagem condicionada que povoa grande parte da literatura ocidental escrita sobre ele.

O contra-ataque a esses valores negativos é, desde cedo, realizado por escritores e pessoas ligadas à esquerda. É o caso do livro de Trotski sobre *Lenin*, de 1924. Do outro lado, ainda nesta década, surgem algumas biografias, feitas por autores mais objetivos, tais como o *Lenine (1870-1924)*, de Valerio Marcu (Paris, Payot, 1930), o de F.J.P. Veale, *Le Règne de Lenine*, (Paris, Payot, 1932). Os dois representam literatura que irá se contrapor às obras reacionárias e fantasistas de combate ao bolchevismo, como são os casos de J. Jacoby, *Lenine*, Porto, sem data; e *Lenine*, M.A. Landau Aldano, (Paris, Jacque Pavdozku et Cie).

Na década dos anos vinte temos, na maioria das vezes, livros que tratam da Rússia, hora em que a presença das lideranças bolcheviques aparece em um contexto mais geral. Pós-trinta começa a circular intensamente uma literatura densa, tratando, além de outros assuntos, da vida e das lutas em que Lenin participava, entre 1918 e 1924. É também nesse período que se difundem recordações de militantes que tiveram contato com Lenin e o Partido Bolchevique. Dentro delas temos as memórias de Krupskaya sobre seu marido, de Máximo Gorki sobre Lenin e o camponês

russo, o de Clara Zetkin, sobre Lenin. Não é preciso dizer que na Rússia e fora dela surge também grande número de trabalhos a respeito da vida de Lenin, da sua participação na fundação do Partido Bolchevique, etc. Esse enriquecimento se amplia a cada ano, o que torna sua bibliografia extensa e de caráter bastante satisfatório. No conjunto destas publicações, duas fontes são utilizadas com grande proveito: uma é a iconografia, outra é o recolhimento feito em obras variadas, nas quais aparecem indicações referentes à sua pessoa.

Na questão da iconografia temos o aparecimento de publicações específicas sobre o tema, ou de trabalhos onde se reproduzem algumas das suas imagens. O catálogo mais importantes é, no entanto, o de 1983, que reproduz todas as fotografias feitas nos primeiros anos do poder soviético. Ao todo são quatrocentas e dez fotos e quase novecentos metros de película, tiradas nos anos de 1918 a 1924. Esse álbum é não somente importante como fundamental, pois marginaliza a iconografia feita no período stalinista, momento em que se procura fazer crer que há afirmação intrínseca entre Lenin e Stalin (Wladimir Ilich Lenín. Álbum de Fotografia e Documentos Cinematográficos. Moscú, Ed. Planeta, 1983).

Para demonstrar a insistência da visão stalinista sobre Lenin, temos o álbum denominado *Lenine par l'image*,

\*Agradeço à Vera Alves Crispim Capucho pela seleção e tradução de alguns documentos inseridos neste artigo.

\*\* Historiador, professor do Departamento de História da USP e autor de extensa obra, principalmente sobre a República brasileira.

Paris, Editions Sociales, 1950, onde, das setenta e cinco imagens registradas, seis mostram Lenin ao lado de Stalin, a maioria delas sendo trabalhos de desenhistas e de pintores.

Outra técnica bastante utilizada é a da escolha de textos relativos a Lenin. Desde a década de cinquenta aparecem variadas edições que surgem com o título de *Lenin tal como foi*. A primeira vez que aparece, no Ocidente, um destes volumes de textos escolhidos é 1954. Essa técnica permite reproduzir um sem-número de escritos, que englobam aspectos diferenciados da sua vida e obra. Numa outra edição produzida em Moscou, pela editora Língua Estrangeira, em 58, temos reproduzidos trechos escolhidos de mais de cento e oitenta autores, com temas os mais variados.

A nossa seleção segue as observações e parâmetros utilizados pelos autores responsáveis pelo trabalho de 1958: em primeiro lugar, usamos obras publicadas até 1924 e, num caso ou outro, livros que foram editados posteriormente à morte de Lenin, mas cujos autores frequentaram Moscou até o ano de 1924. Por essa razão, a seleção dos textos obedece a critérios cronológicos bastante limitados, o que não impede de se circunscrever a episódios bastante particulares da vida e obra de Lenin.

1

"Eis-nos aqui ante Lenin, em seu escritório, tantas vezes descrito, e mobiliado com sobriedade. Um grande mapa da Rússia atrai comumente o pensamento e o olhar de Lenin.

O acesso foi difícil; necessitamos receber o placet de distintos grupos de sentinelas e, no final, quando entramos na ampla sala de Lenin, imediatamente depois de uma missão romana, ele veio a nosso encontro e, com amabilidade, disse-nos que já sabia quanto tínhamos debatido sobre questões doutrinárias com Bukarin.

O poder suaviza, sem dúvida, o caráter de Lenin; no decorrer da conversa extensa que tivemos, apesar de conhecer perfeitamente nossa concepção teórica e tática, não nos dirigiu nenhuma pergunta cuja resposta pudesse ser embaraçosa, nenhuma frase veladamente que molestasse; sem mais, esse homem tem sido temido pelo vigor sarcástico de seus sorrisos e suas frases agressivas,

mortificantes, incisivas.

Lenin veste um traje à americana de cor escura; impede-nos de sentar em uma poltrona e oferece-nos uma cadeira; inclinando-se adiante nos pergunta pela Espanha. Obsevamo-lo com interesse. Aqui Lenin - nós dizíamos - é o criador da ideologia do partido que está no poder e do próprio partido; é o pensamento que se esforça para se concretizar em realidade neste momento da Revolução; realiza seus objetivos e não vacila nas eleições, nem nas finalidades, nem nas retificações táticas. A grande "experiência social" da qual ele é o grande demiurgo exige, a seu juízo, não ter em conta se não os ditados da razão; as filtrações sentimentais do imediato não lhe perturbam - nós imaginamos - os propósitos de construção. Talvez nada tenha acontecido até hoje, comparado com o que acontece a este homem de aspecto insignificante e frio.

Sua cabeça está quase desprovida de cabelo; sua barba e bigode são mais vermelhos; seus olhos, pequenos, oblíquos e argilantes, com frequência o olhar se desvia; a cabeça é larga e, efetivamente responde seu rosto, como de contínuo foi observado, o tipo mongol.

Pedimos-lhe permissão para fazer-lhe perguntas, com o propósito de escutá-lo: e seu exterior, e seu olhar atraente, sua fala serena chama a atenção de quem o escuta. Quisemos que as questões que lhe fizéssemos fossem como eco das grandes preocupações que então preocupavam a massa russa, mais viva, preocupações que nos haviam dado a conhecer as pessoas com quem conversamos: eram perguntas mediante as quais aspirávamos também conhecer que trajetória política pretendia ao implantar a Revolução.

- Como e quando crê você - interrogamos - que poderá passar do atual período de transição a um regime de plena liberdade, para os sindicatos, imprensa e indivíduos?

- Nós - respondeu Lenin - nunca falamos de liberdade, senão de ditadura do proletariado; exercemos o poder, em prol do proletariado, e como na Rússia a classe trabalhadora propriamente dita, isto é, a classe operária industrial, é uma minoria, a ditadura é exercida por essa minoria, e durará enquanto os demais elementos sociais às condições econômicas que o comunismo impõe, já que para nós é um crime explorar a outro

homem, como se guardasse farinha necessária para alguém.

A psicologia dos aldeões é refratária a nosso sistema: sua mentalidade de pequeno burguês e por isso que nós os contamos como elementos proletários; entre seus adeptos acham-se os chamados *leaders* da contra-revolução (Denikin, Kolchak, Wrangel, etc.), mas os aldeões chegaram a uma conclusão, a saber: que se os bolcheviques são maus, os demais são insuportáveis... Aos aldeões dizemos que somente julgaremos os que nos declaram guerra civil, que são nossos inimigos, e em tal caso responderemos com a guerra civil. Lentamente a psicologia deles vai mudando e os vai envolvendo no governo. A dificuldade para nós limita-se à carência de produtos industriais com que recompensamos os que requisitamos; que a isso se deve seguir imitando bilhetes, os quais para nós não oferecem dificuldades, pois dispomos de papel e máquina de imprimir; este dinheiro-papel só significa, pois, uma promessa de produtos pagos.

O período de transição da ditadura - continuou dizendo Lenin - será entre nós muito extenso, talvez quarenta ou cinquenta anos; outros povos como a Alemanha e Inglaterra poderão, devido à sua maior industrialização, tornar mais breve este período; porém esses povos, em compensação, têm outro problema que não existe aqui; em alguns deles se há formado uma classe operária baseada na dependência das colônias... Se, se o problema para nós não é de liberdade, pois a respeito deste sempre perguntamos: liberdade para quê?

- Porém, se o período de transição há de durar - dissemos - ou que tarde em se realizar, o sentimento dos homens e das coisas, à medida da socialização, não crê você que as concessões com o capitalismo estrangeiro, ao chamar de novo aos capitais nas condições que o fazem, aumenta, por um ato de poder, este período de transição, e obrigará amanhã a exigir de novo à massa trabalhadora que volte a fazer outra revolução para se apoderar das empresas que se estabeleceram, uma vez que se encontrem essas consolidadas?

- Tem você razão - respondeu Lenin - isso vai aumentar a ditadura proletária e vai exigir novas lutas; porém nós não podemos vencer o capitalismo estrangeiro, que sustentou as massas trabalhadoras, e também necessitamos nos re-

construir economicamente. A Rússia se manteve estes três anos mediante sacrifícios inauditos, porém não pode continuar sofrendo as privações atuais, e elas só poderiam ser evitadas mediante concessões, o porquê estalar uma revolução mundial, que não só desencadeamos, senão que temos segurança absoluta de que está começada, ainda que se desenvolva mais lentamente do que se desejava.

Conversamos sobre a possibilidade de que saísse da Rússia alguém que havia recebido permissão a esta missão especial do Comissariado de Ensino, porém a quem a polícia, não obstante, negava o passaporte oficial; e retornando às questões objetivas, Lenin nos falou de como governar e manobrar; frisou a apologia dos planos de eletrificação; descreveu-nos a transcendência deles na nova economia e, por último, nos disse:

- Despertamos no país, em 17, mediante nossa propaganda, o entusiasmo político, defendendo as idéias da paz e do Soviet, que é a instituição mais democrática que se pode imaginar; sucitamos mais tarde no povo o entusiasmo militar, mostrando-lhe como as nações burguesas se coligam contra nós, e agora desejamos despertar o entusiasmo pela reconstrução econômica."<sup>1</sup>

2

"Enquanto traduziam seu discurso para o inglês, como viéssemos a pensar em ir embora, nos dirigimos para ele e o abraçamos na porta do buffet.

- Quando pensais em ir embora? - nos perguntou.

- Com maior brevidade...

- Ficais por mais algum tempo...

Às onze horas da manhã, aproximadamente, o comandante nos chamou a seu escritório.

Ele nos disse que Lenin perguntara por nós e ordenara que se colocasse um automóvel à nossa disposição.

Acompanhado de um comandante militar, partimos imediatamente.

Entramos o Kremlin pela porta pela qual habitualmente entravam os delegados.

Ao descer do automóvel, o cabo que comandava a patrulha nos pediu o nome e, depois de cotejá-lo com o que figurava na ordem que levava meu acompanhante, falou com ele em russo e nos permitiu o acesso.

Ao chegar ao primeiro andar, outro grupo de soldados repetiu a operação.

Depois nos dirigimos ao escritório de Lenin. Antes de chegar à entrada havia uma mesa com livro-registro...

A poucos metros da ante-sala nos conduziram ao gabinete de trabalho de Lenin.

O escritório de Lenin estava mobiliado com sobriedade. Todo tipo de supérfluo havia sido descartado. Um grandioso mapa da Rússia; alguns menores de outros países, uma mesa de trabalho abarrotada de documentos e papéis, algumas cadeiras, alguns tipos de poltronas. Isto era todo o mobiliário.

Apareceu Lenin...

Sorridente nos estendeu a mão que apertamos com verdadeira efusão e nos sentamos frente a frente.

Estava contente, alegre, satisfeito.

- Estais contentes do tratamento do tratamento dados aos comunistas? - perguntou.

- Muito, contestamos.

- Vocês tiveram em todo momento atenções e respeito que soubemos apreciar o valor. Se assim não o fosse nossa discricção teria superado em algum ponto o limite do devido, peço que nos desculpais.

- Nada disso. Desde o primeiro momento tivemos as melhores impressões.

- Não importa que não participais do nosso pensamento, e nem que não sejam um dos nossos. Sabemos que vossa discrepância de critérios os manteve em todo momento afastado de ligeirezas impróprias da sociedade requerida.

Fazendo uma breve transição, acrescentou logo:

- Passando ao que interessa. Poderiam ampliar alguns detalhes do relatório que vocês apresentaram na Terceira Internacional sobre a situação das forças políticas e sociais na Espanha.

Dei-lhe os detalhes que solicitava e continuou:

- É dizer que seguis rechaçando a ditadura do proletariado, a centralização e a necessidade de formar na Espanha o Partido Comunista para fazer a revolução.

- Nós seguimos firmes em nossas afirmações e princípios.

- Não os convencemos com a obra da Rússia.

- O visto na Rússia, o observado na Rússia e as conclusões que tiramos do

conjunto avaliam nosso critério.

- Não iremos ocultar que, quando vínhamos de Paris para cá, uma dúvida nos assaltava...

Estaremos equivocados os anarquistas nos aspectos de nossa doutrina, não vamos ocultar o temor com que víamos chegando o momento de ter, por acaso de subscrever a negação daquelas idéias defendidas por nós com tanto ardor e que formaram a pequena bagagem intelectual de nossa vida. Não se renuncia sem dor, quando se pensa honradamente nas idéias que nos têm sido caras, é uma página que temos de arrancar da história de nossas vidas e essas amputações são sempre dolorosas. O visto e o observado na Rússia confirmam e solidificam nossas convicções.

- Então continuas crendo que não é necessária a ditadura do proletariado. Como pensais que pode ser destruída a burguesia? Não crês que o possa fazer sem uma revolução!

- De maneira nenhuma. A burguesia não se deixará expropriar pacificamente. Se agora aos avanços do povo com tal força e feroz resistência uma revolução se faz inevitável. Será mais ou menos violento; isto depende da resistência que a burguesia oponha; porém, é inevitável a revolução cruenta.

- Agora bem, a diferença entre o pensamento bolchevique e o nosso se manifesta a partir desse instante.

- A revolução é um ato de força, isto é indiscutível. Porém a revolução não é a ditadura do proletariado..."<sup>2</sup>

3

"O homem fisicamente é de tamanho médio, robusto, mas de andar pesado, a face é vermelha, larga e redonda, enquadrada de uma barba curta e baixa, os bigodes caídos, a testa alongada para trás pela calvície; o olhar agitado e, como os escravos, instruídos de uma sólida intelogência. De resto, cabeça impressionante de profeta místico.

O escritor tem uma dialética simples, popular, mas poderosa e pesada copmo a sua pessoa, impiedosa e violenta.

1. Fernando de los Rios, *My viaje a la Russia Sovietista*. 1ª ed., Madri, Espanha, Calpe, 1925, 264 p., p. 60-64.

2. Angel Pestana, *Setenta dias en Russia*, 2ª ed. Barcelona, Cosmos, 1924, 227 p., p. 201-210.

ta contra o adversário, dominadora e autoritária com os amigos. A eloquência de Lenin é toda feita de lógica familiar, de clareza aparente: sem flores, sem efeitos, ela exerce sobre as almas retraídas e místicas das multidões eslavas um efeito incomparável de alguma maneira religiosa".<sup>3</sup>

4

"A entrevista com Lenin foi problema difícil de resolver; não porque ele seja inabordável (está sempre com tão poucas escoltas e como quem pode andar só), mas porque seu tempo é precioso. Ele, mais que outros comissários, trabalha continuamente. Mas, ao fim, consegui para mim um momento livre. Atravessei a cidade, desde o meu alojamento até uma das portas do Kremlin. Havia tomado a precaução de conseguir, desde o começo de minha estadia em Moscou, um passaporte que me livrava de possíveis aborrecimentos por parte da polícia, e que agora me permitiu entrar livremente no Kremlin. A entrada do Kremlin, como é natural, estava guardada; ali reside o governo executivo; porém as formalidades não são maiores que as observadas no Palácio de Buckingham ou na Câmara dos Comuns. Uma pequena guarita de madeira e alguns soldados russos, geralmente um deles recebe o passe e avisa, era tudo o que se observava na entrada...

... Como havia chegado pontualmente, meu acompanhante entrou antes para avisar Lenin de minha chegada. Eu o segui então e entrei onde Lenin trabalhava, e esperei durante um minuto por sua chegada. Será permitido aqui dizer que nas instalações não havia magnitude alguma. Era bem e modestamente mobiliada; a Câmara do Conselho estava admiravelmente organizada para sua função; porém ali tudo é simples e, antes de tudo, respira-se uma atmosfera de trabalho. De todo luxo asiático de que havia ouvido falar, não havia nem sequer sinal.

Apenas havia feito mentalmente estas observações quando Lenin entrou na Câmara. É um homem de estatura média; é vivo e bem proporcionado de membros, aparenta uns cinquenta anos de idade; suas feições, à primeira vista, parecem ter uma ligeira semelhança com os de raça chinesa, e seu cabelo e barba recortada em ponta têm um tom verme-

lho. Sua cabeça é bem feita; a frente é ampla e bem constituída. Tem uma agradável expressão quando fala e, sem dúvida, suas maneiras são muito atraentes. Fala claramente, com uma bem modulada voz e, enquanto durou a entrevista, não se confundiu nem se embaraçou. Para dizer a verdade, a impressão que me deixou é a de um cérebro frio e claro, um homem absolutamente dono de si mesmo e de sua obra, que tem a clara visão daquilo que há de criar e daquilo que há de conservar.

Meu acompanhante havia sentado do outro lado da mesa, esperando atuar como intérprete se fosse necessário; porém não esperou muito. Depois de saudá-lo perguntei se queria que conversássemos em francês ou alemão. Lenin contestou não haver porquê; se não houvesse inconveniente, ele preferia conversar em inglês, em cujo idioma podia seguir perfeitamente uma conversa, uma vez que eu falasse devagar e claramente. Con senti e, com efeito, havia dito uma verdade, já que nos três quartos de hora que durou nossa conversa, só uma vez tropeçou em uma palavra, e isto só num instante; no demais, havia compreendido o que eu queria dizer.

Devo fazer constar aqui o que esta entrevista me preocupou desde que entrei na Rússia. Havia tantas coisas que desejava conhecer que seriam necessárias várias horas de conversa. Porém, ao deixá-la para o último mês, muitas dúvidas minhas haviam se desvanecido, e outras foram esclarecidas na entrevista radiotelegráfica que vinha ocorrendo em Lyon e feitas por alguns repórteres americanos. Pude assim utilizar melhor o tempo que surgira entre as duas importantes reuniões e que devia assistir meu interlocutor.

Assim, pois, reduz toda minha curiosidade a três perguntas, as quais só Lenin podia responder. Ele sabia perfeitamente quem eu era, porém ignorava o que eu desejava. Não podia, portanto, se preparar. Somente uma pessoa, o comissário que me acompanhava, tinha notícias do que eu pretendia perguntar a Lenin, e duvidava que obtivesse resposta satisfatória. Porém para grande espanto seu, obtiveram minhas perguntas respostas prontas, sinceras e decisivas e, quando terminou a entrevista, meu acompanhante me confessou seu assombro.

A conversa foi conduzida por mim. Comecei a falar primeiro. Desejava co-

nhecer até que ponto eram válidas as proposições que Bullit apresentou à conferência de Paris. Lenin contestou que eram completamente válidas, com algumas modificações que importava devido à situação militar. Adiantou logo que, de acordo com Bullit, se havia indicado que a variável situação militar podia dar lugar a determinadas alterações. Seguiu dizendo que Bullit não podia compreender a força do capitalismo inglês e americano; porém, se Bullit ocupasse a presidência dos Estados Unidos, a paz se afirmaria muito rápido.

Perguntei depois qual era a atitude da República dos Soviets ante as pequenas nações que se separaram do império russo e que haviam proclamado independência.

Contestou que a independência da Finlândia foi reconhecida em novembro de 1917; que ele - Lenin - havia entregue pessoalmente a Swinhufvud, o então presidente da República da Finlândia, o documento no qual dito reconhecimento se fazia de maneira oficial; que a República dos Soviets havia anunciado, há algum tempo, que nenhum soldado da República dos Soviets poderia atravessar a fronteira com armas nas mãos; que a República dos Soviets havia decidido criar uma zona neutra entre o território da Estônia, e que declarava isto publicamente; que era um dos princípios reconhecer as pequenas nacionalidades, e que, enfim, acabava-se de reconhecer a independência da República de Bachkir, fazendo notar que o povo bachkir era débil e atrasado.

Minha terceira pergunta foi: que garantias podiam oferecer contra a propaganda oficial das nações do Ocidente, se elas estabelecessem relações com a República dos Soviets?

Sua resposta foi que havia declarado a Bullit estar disposto a firmar um acordo comprometendo-se a não realizar a mínima propaganda oficial. Como Governo, podemos assegurar que não existirá propaganda de nenhuma classe. Se houvesse pessoas que particularmente fizessem propagandas, realizariam-na por sua conta e responsabilidade e com sujeição às leis do país em que vigorassem. A Rússia carece de leis -

3. Etiéne Antonelli. *La Russie Bolcheviste*. Paris, Bernard Grasset, 1919, 275 p., p. 47-48.

disse - contra a propaganda que fazem os súditos ingleses. Inglaterra possui tais leis; portanto, Rússia é mais liberal. Nós permitiríamos - acrescentou - que os governos francês, inglês ou americano organizassem uma propaganda de funcionamento e organização. Protestou contra a Defence of the Real Act, e quanto a liberdade da imprensa, tão cerceada no Ocidente, declarou que acabara justamente de ler uma novela de Henri Barbuse, intitulada *Clarté*, na qual o censor havia suprimido dois parágrafos: "Um censorador para as novelas na livre e democrática França!".

Perguntei se tinha que fazer alguma declaração de caráter geral e respondeu que o mais importante que podia dizer era que o regime dos soviets era o melhor do mundo, e que todos os operários e camponeses ingleses o aceitariam se o conhecessem. Expressou sua confiança de que, após a paz, o governo inglês não poderia deixar de publicar a Constituição dos Soviets. E terminou dizendo que, moralmente, o regime dos soviets triunfou já, e a prova disto está nos livros, folhetos e periódicos que falam dos soviets em países livres e democráticos.<sup>4</sup>

5

"Uma cabeça de asiático. Olhos de tártaro. Um nariz de Kalmouk, com narinas achatadas, uma boca de extrema mobilidade coroada por poucos pêlos. Acima de tudo, um crânio enorme, cuja nudez faz pensar em um ovário fantástico de onde brotaria o novo mundo.

Ele escuta: suas mãos acariciam o nariz ou desviam a barba com um gesto familiar, seus pequenos olhos de aço penetram como uma verruma.

Ele interrompe com os dedos que parecem vos agarrar. Ele fala: toda sua fisionomia participa das suas palavras, suas sombrancelhas se fecham, suas narinas se dilatam, sua boca se contrai e, como dizia Borghi: ele fecha como um zipper. Ele se curva, com gestos extraordinários, como se quisesse com suas mãos impor suas idéias.

Um toque de telefone interrompe sua frase. Ele levanta o receptor. Denunciam-lhe que o L'ataman Semenoff está fugindo, que o exército de Wragel recua, ele reflete em um minuto, dá ordens, depois volta-se para seu interlocutor e lhe anuncia as boas novas, sem transi-

ção. "Nós dizíamos, pois, que os sindicatos franceses..."

Na tribuna ele põe as mãos no bolso e fala em um tom simples, mas sua ironia feroz não perdoa ninguém. Ele choca pela vulgaridade de suas expressões e de seus gestos, mas de sua personalidade aflora uma força extraordinária de convicção.

Ele pensa que sempre tem razão e insiste em fazê-lo crer a seu auditório.

Sua cultura é formidável, mas de todo o saber humano ele se apossou somente de algumas idéias, as quais defende desesperadamente e todos os seus atos não são senão uma paráfrase. Essas idéias são intangíveis e aqueles que as desconhecem são ignorantes ou contra-revolucionários.

Lenin, um orgulhoso?

Certo, mas orgulhoso como o eram Lutero e os Anabatistas, orgulhosos da verdade definitiva que unicamente eles possuem entre os homens. Eu acredito que Lenin não dá grande importância ao culto que lhe vota uma grande parte do povo russo e que deve sorrir vendo seu retrato nos calendários, a menos que ele considere isso como um dos meios de realizar seu pensamento.

É aí que está seu gênio, o gênio de Maquiavel...

Não há pequenos meios e todas as forças são boas se pudermos nos servir delas. Sua flexibilidade é asiática e felina. Brutalidade ou meiguice de suas palavras são coisas premeditadas e que concorrem para seus planos. Os homens para ele são pedões que ele move, eles não têm necessidade de saber o que fazem pois ele o sabe, eles podem acreditar que agem por motivos, ou em direções, o que não importa, se Lenin segura solidamente as rédeas em suas mãos e que ele as faça mover à sua vontade.

As convenções, os escrúpulos, os preconceitos são palavras. Ele diz a verdade, esconde-a ou corrompe sem o mínimo remorso. As verdades são coisas que ele maneja e que são sem importância, somente a verdade existe e só ele a possui...

A vontade de Lenin é formidável... Tudo deve se curvar diante dele e todos se curvam. Ele ousou coisas extraordinárias. Somente com Trotsti contra Zinovieff, contra Kameneff, contra três quartos de liderança de seu partido, ele exigiu em outubro de 1917 todo o poder para o partido comunista, e nada para os

outros partidos. Sozinho contra a opinião quase unânime dos chefes bolcheviques, contra o próprio Trotski, ele impôs a paz de Brestlitovisk que, em definitivo, causou a derrota da Alemanha.

Uns dizem: "Os acontecimentos foram favoráveis a Lenin". Outros dizem: "A paz de Brest foi a obra profunda de um gênio".

Estes dois acontecimentos: a Revolução de Outubro e a paz de Brest deram a Lenin uma autoridade moral que o faz mestre esclarecido mais despótico do Partido Comunista... A ele excita vencer, combater os grandes. Ele lutou abertamente contra Trotski sobre a questão do sindicato. E ultimamente a proposta da nova política econômica...

Ele passou toda a sua vida de exílio na pobreza, entre livros, ele continua no Kremlin num apartamento modesto no antigo Palácio da Justiça, ainda privado de balas da Revolução. A forma de seu braço pode-se resumir em duas palavras: "realizar meu pensamento".

A história com o rumo necessário dirá o que é preciso afirmar sobre Lenin e sua obra. Nós podemos desde hoje considerá-lo como grande homem de Estado.<sup>5</sup>

6

"Não há em toda Moscou oficina, nem vestibulo, nem ante-sala, nem salão, onde não se veja um grande retrato de Lenin: o retrato mais conhecido é um onde Lenin está em sua mesa de trabalho; sorri, inclinado como se se dispusesse a trabalhar; usa colarinho posição branco, como o usam todos em Moscou, onde já não se fazem colarinhos duros, este retrato é o que o povo de Moscou prefere e por todas as partes são vistos. Há também, colocados com certa frequência, retratos de Radekk, Zinovieff, Kalenin, Balabonowa, e retratos coletivos, onde aparecem os chefes da III Internacional, com Lenin à cabeceira...

É muito conhecida a história de Lenin, ninguém ignora sua evolução lenta e esforçada. Muitas vezes sua personali-

4 W.T. Goode, *El bolchevismo en acción*. 1ª ed., Madrid, Calpe, 1920, 184 p., p. 21-28

5 Mauricius, *Au pays des Soviets - neuf mois d'aventures*, Paris, Eugene Figuiere, 1921, 340 p., p. 182-185

dade tem sido objeto de trabalhos bibliográficos e críticos.

O que se recorda pouco é que durante longo tempo teve que viver em exílio, faziam pouco caso dele e de sua idéias, seus próprios camaradas. Quem tinha razão era Lenin, por esse ter atingido a Rússia, ele tinha razão.

Hoje todos lhe são propensos. Até seus inimigos políticos. Nenhum de seus adversários se atreve a falar dele com desdém.

É um homem de austeros costumes. Não banqueteia. Come para poder viver e poder trabalhar. Não ganha mais que um proletário moscovita. Seis mil e quinhentos rublos mensais é seu salário. Habita o Kremlin, porém não o habita como príncipe; habita severamente limitando a sua comodidade, para permanecer fora do alcance dos pediantes, dos fanáticos, dos queixosos. Ademais, a habitação do Kremlin é simbólica; ali habitaram os velhos soberanos da Rússia; agora, quando o soberano é o povo, deve habitar ali o que é a encarnação da vontade e símbolo da libertação do povo russo. Não governa com a espada, que não é um ditador implantado de cima, é um ditador levado nos ombros pelo povo; sua força está abaixo, na multidão de bem-estar e justiça.

Uma tarde em que eu trabalhava num estudo sobre a organização dos trustes, acompanhado por um diretor técnico, chegou uma carta de Lenin. O homem dos trustes empalideceu. Rasgou precipitadamente o envelope; só quando havia terminado de ler suspirou e desapareceu de seu rosto a convulsiva palidez.

- É uma carta de Lenin - respondeu-me - E uma carta de Lenin não é uma carta qualquer; não é de um chefe de Estado, não; é uma carta de Lenin; sempre traz algo de decisivo, dor ou alegria. Uma palavra de Lenin é de uma eficácia poderosíssima. Sacode moralmente, estimula o debate; ninguém jamais disse uma palavra que tivesse tanto efeito como a que Lenin pronuncia. Lenin é a Rússia. Seja para o bem ou para o mal..."<sup>6</sup>

7

"Finalmente acabamos por ver Lenin.

Não se pode vê-lo, como os outros Comissários do Povo. O que não significa que ele se esconda. As histórias da

guarda kirghize, ou bachire, ou chinesa, da qual os jornais franceses fazem tanto barulho, são tolas quando tratam dele e dos outros. Mas ao mesmo tempo, seus amigos, como ele próprio, guardam uma certa cautela.

Desde que em 1918 uma socialista revolucionária o baleou, o que quase o matou e cuja bala permanece alojada em seu corpo, certas precauções subsistem naturalmente.

Lenin desaparecendo, a Revolução continuaria evidentemente. Mas todos o consideram como a bandeira, ele é de tal maneira o "chefe", que ninguém deseja que se arrisque em qualquer aventura.

Lenin habita o Kremlin, no antigo Palácio da Justiça, num modesto apartamento, cujos muros crivados de balas de Outubro dominam a muralha do lado da Praça Vermelha.

Nós poderíamos encontrá-lo facilmente, mas porque teríamos que incomodar o homem que cada um aqui descreve ter um trabalho fatigante, nós sabíamos que o veríamos no Congresso, e nós esperamos apesar da impaciência.

Ele apareceu no segundo e terceiro dias e várias vezes em seguida. Várias vezes discursou. Ele entra. Ninguém o viu chegar. Percebe-se apenas a sua entrada.

Ele está sentado atrás de sua mesa. Somente os ombros e a cabeça se sobressaem.

Uma fronte calva e saliente que domina.

Um asiático evidentemente.

Maças e olhos que o denunciam.

Pequenos olhos oblíquos, de sombrancelhas mongóis, um largo vazio entre eles: a testa e o nariz.

Um nariz mais ressaltado que se pensa, com narinas fortes achatadas, solidamente presas ao rosto, um nariz realista.

Abaixo, nos pêlos sem cor do bigode e da rala barba, o que se chama seu sorriso.

Lenin não sorri, também não tem aparência acanhada.

Eu penso que ele pisca frequentemente de um olho.

Não se tem certeza seguramente quando ele sorri, a não ser quando é sacudido por um pequeno riso.

Trinta sentimentos diferentes se exprimem nele por uma maneira que jamais se repete.

Sobre a testa, que se enruga, tudo é movimento.

Lenin só é verdadeiro no cinema.

Nenhum de seus retratos lhe assemelha.

Olhos que parecem fazer esforço para se abrirem inteiramente, uma boca que voluntariamente se contrai, dilata uma narina acima dela, saliente a maçã direita do rosto e deixa escapar uma palavra imperceptível entre os lábios.

Às vezes a face se contrai, os olhos de fecham quase inteiramente, as maçãs repuxam a barba para o alto e a boca carnuda se abre...

As expressões sucessivas de espantosa juventude e de fadiga de um homem que carrega sobre seus ombros um mundo novo. Uma eloquência de grande poder de expressão.

E depois as mãos.

Dedos longos afagam a face, o indicador cobre o nariz e o médio cobre os dentes.

As mãos não são um pára-raio, elas não escondem nada, elas participam no jogo da fisionomia. Elas se sobressaem...

Lenin não é "estático", mas "dinâmico", as fotografias não dão idéia nenhuma de sua fisionomia quando ele pousa diante do objetivo, eu não vejo nenhuma que lhe aparente, que lhe lembre: ... Um operário o fotografou sobre os degraus da tribuna escutando a fala de Lazzari, "o dissidente italiano" e tomando notas para lhe responder.

Isto é Lenin. Mas Lenin repousando não é ele próprio.

Longamente eu o observei no Congresso. Conversei com ele, menos para falar de alguma coisa ou outra e mais para olhá-lo, de perto. Eu tentei analisar seus traços. Impossível. Eu não poderia desenhá-lo, senão por anotações sucessivas, com ajuda de traços impressionistas como fizera Vaillant-Couturier.

E sua eloquência lhe assemelha, não se pode resumir seu discurso e nem imitá-lo. Nenhuma composição aparente. Nem escórdio, nem perolação. Lenin começa cheio, acaba cheio.

Ele levanta duas ou três idéias, desenvolve-as e volta novamente a elas. As fórmulas nas quais ele as apresenta

6. A. Goldschmidt, *Moscu: diário de un viaje a la Rusia Sovietica*. Argentina, M. Gleizer, 1923, 229 p., p. 98-101

reaparecem várias vezes. Nenhum aumento de voz, nenhum efeito de tribuna."<sup>7</sup>

8

"Pequeno e rechonchudo, com gestos breves e sem graça. Lenin gira como um peão sobre o estrado reservado aos oradores.

Sua cabeça quase completamente desnuda está solidamente plantada sobre o pescoço curto, sobre a vasta face de mongol, pequenos olhos curiosos piscam maliciosamente e uma nuance de desprezo por seus próximos lhe dá alguma coisa de inquietante.

Seu discurso é um pouco monótono, mas ele o supera desde que fala de seus inimigos, por inflexões de voz terrivelmente incisivas, entrecortadas por pequenos risos sarcásticos.

Sua linhagem é despojada de todo artifício oratório. Ele é primitivo, atinge a todos: as mesmas frases, as mesmas idéias se repetem no correr do discurso, quase nos mesmo termos, e se compreende que o orador o faz conscientemente, que deseja aprofundar a idéia na cabeça de seus ouvintes. As fórmulas são breves, muito claras, jamais pitorescas.

Um camponês astuto, cabeçudo, sabendo o que quer, intratável quando ele o quer, mas maleável sobre as parências, dissimulado, pronto a se esquivar sem que se perceba: tal me pareceu em várias ocasiões nas reuniões públicas e ao Comitê Central dos Soviets, o chefe do governo dos bolcheviques. Ele pertence a esta categoria de russos que Dostoievsky dizia que "possuídos subitamente por uma forte idéia permanecem esmagados, às vezes para sempre. Eles jamais teriam força de se sobrepor, mas acreditam nela apaixonadamente e toda sua vida se passa como as últimas convulsões da pedra que caiu sobre eles."

Esta "forte idéia" era para Lenin, como para tantos de seus discípulos, a luta de classes.

Lenin e um primitivo."<sup>8</sup>

9

"Foi em novembro de 1922 que, no recinto do Palácio da Ópera, Lenin fez seu último discurso, por ocasião do fechamento solene do Soviet de Moscou. Ele houvera, recentemente, pronunciado duas pequenas alocuções, uma direta-

mente à sessão de outono do Comitê Pan Russo, outra no IV Congresso da Internacional Comunista, mas agora era diante de cinco a seis mil pessoas que ele se apresentara diante de "seu" povo, como ele gostava de dizer. E para bem analisar a fisionomia política desse homem é preciso absolutamente tê-lo visto falar às suas caras "massas". Então, o verdadeiro Lenin aparece por inteiro.

A sala imensa e magnífica, ouro e veludo vermelho, da grande ópera, está toda como um ovo. As mais minuciosas precauções foram tomadas... Jamais czar nenhum foi tão estreitamente protegido. No palco, lotado de pessoas, está o Soviet de Moscou, ao redor de uma imensa mesa recoberta de tecido cor de sangue. Kamenev preside. Todos que se movimentam sobre esta cena pertencem à elite do Kremlin. Ai vê-se Kalinine, Radek, Steklov, Kyrilenko, Lounatcharski e muitos outros.

Kamenev abre a sessão, que logo toma um aspecto teatral. Enquanto todos esperam com emoção a entrada de Lenin, o presidente põe em votação a manciara de eleger o novo Soviet. A impaciência aumenta, mas se consolam. Não será provavelmente senão uma formalidade, e depois Lenin irá falar. Não. Alguém, na última fila quer saber como votarão os sem trabalho e propõe a introdução de um parágrafo apropriado.

Parte do público aprova, mas a maioria se desinteressa dos votos e de todos os desempregados do mundo: é Lenin que se pretende ver, que se pretende ouvir.

Resolvido o problema dos votos, mil gritos ressoam: "Lenin, Lenin!", mas com despontamento geral ainda não é a vez do deus. Um certo Dorofioev, membro do Soviet, lê um relatório sobre o resultado anual do Soviet de Moscou... Quando ele termina, o auditório mostra-se impaciente, livra-se uma agitação tão formidável que a sala parece tremer. O bom Kamenev, passa a mão na barba: ele está contente; vejamos, eis uma brilhante presidência. Lentamente, ele se levanta e solenemente declara: "a palavra está dada ao camarada Lenin".

Então, oh... O Soviet, como um único homem, se levanta e no interior se forma uma passagem, um corredor humano que conduz à obscuridade dos bastidores. Comunistas no palco, auditores na sala, que sem ver ainda Lenin urlam e aplaudem, diplomatas e jorna-

listas, e os próprios músicos na cova da orquestra que já tocam a Internacional, todos imóveis, olhando fixamente esse buraco escuro de onde sairá Lenin. Lentamente passam os segundos: trinta segundos, um minuto, dois minutos, mas as pessoas esperavam há muito tempo: eles não se cansam, na verdade jamais vi coisa semelhante: durante três minutos (nada de Lenin), esta multidão gritando, aplaudindo, embalando, desmontando, de pé e com olhos fixos sobre o buraco misterioso. Uma espera como esta merece sua recompença.

Enfim, e alguns acreditavam já que uma infelicidade acontecera num momento supremo - enfim, com um passo curto e rápido. Wladimir Ilitch Lenin, o "czar dos camponeses e operários", faz sua entrada.

As ovações redobram, triplicam, não acabam jamais, é uma tempestade. E, enquanto esses seis mil homens assemelham a seis mil loucos, o ídolo não lhes dá atenção. À direita e à esquerda, ele aperta a mão dos que fazem parte do Soviet. Ele pronuncia algumas palavras. Em seguida se dirige para o começo do palco, se apóia contra a mesa vermelha, olha para o teto, depois a sala. Ele ri. Seria um riso? Nos seus olhos um brilho úmido. Lágrimas, talvez?

Um verdadeiro crânio de camponês, metade russo, metade tártaro, como se encontra em todos os lugares da Rússia.

Um rosto esquadriado, duro, brutal. Pequenos olhos, oblíquos, de onde salta um olhar selvagem. Uma larga testa que parece dominar o resto do rosto. Esta face demonstra força, nada de mórbido. O homem está de pé, vestindo um traje de tecido francês, abotoado até o pescoço, nada de rebuscado nessa maneira de se vestir. Um Lenin vai querer sacrificar a elegância... Um gesto seu e todos se calam. Poderia ouvir voar uma mosca.

Ele é brilhante orador. Ele fala a seis mil homens como se discutisse numa pequena sala de hospedaria, com um punhado de estudantes camaradas.

Uma palavra viva, espiritual, cáustica. As idéias se juntam tumultua-

7. Andre Morizet, *Chez Lenine et Trotski*, Paris, La Renaissance de Livre, 1922, 330 p., p. 67-70.

8. Hoshchiller, *Le Mirage du Sovietisme*, Paris, Payot e Cie., 1921, 252p., p. 48-49.

damente, como se um dissesse ao outro: "Saia que eu quero pensar". A fisionomia muda sem cessar: ela é grave e de repente o olho esquerdo pisca e você verá um ar malicioso. Lenin é desta espécie de orador popular que não se vê senão em países ingleses. Pois a antiga Rússia jamais teve oradores. Os homens de Estado, os parlamentares do regime czarista não acreditavam ser necessário falar às multidões. Os bolchevistas, ao contrário, o fazem constantemente e é por essa razão que se explica uma boa parte de seu sucesso. Ele usa expressões populares, droláticas, mesmo grosseiras, e dessa maneira ele toca a fibra nacional da alma do povo. Ninguém conhece bem esta alma, como Lenin, o comunista."<sup>9</sup>

10

"Desde meses Lenin estava doente. Um trabalho sobre-humano, as noites de insônia, a tensão perpétua minaram

seu corpo robusto e provocaram uma esclerose do cérebro. Em maio de 1922, uma ataque de hemiplegia lhe paralisara o lado direito, mas por prodígios da vontade ele se restabeleceu, pouco a pouco, e escreveu em 1923 um trabalho sobre cooperação, que devia ser seu último escrito.

Ele habitava com sua mulher uma pequena casa no campo, perto de Moscou, em Gorki.

Em 21 de janeiro de 1924, às 6:00 da noite, um ataque fulminante o baquiou. Ele tinha 53 anos.

Todo Comitê Central dos Soviets veio para Gorki.

No dia seguinte à sua morte o partido comunista emitia uma proclamação: "Lenin morreu, mas vive na alma de cada um dos membros do partido, que é uma parcela de Lenin. Toda nossa família é a encarnação coletiva de Lenin". Até Moscou, ao longo da via férrea, forma-se uma ala viva.

O caixão carregado pelos membros do Comitê Central do partido foi assentado na grande sala da Casa do Sindicato, durante três dias centenas de milhares de homens, mulheres e de crianças desfilaram diante do caixão. A fila devota se alongava noite e dia sobre vários quilômetros, com trinta graus de frio.

A 27 de janeiro o caixão foi levado à Praça Vermelha e depositado diante do Kremlin, num compartimento isolado de um Mausoléu, e no frontespício de sua entrada uma única palavra: LENIN.

9 Georges Popoff *Sous L'Étoile des Soviets* Paris, Plon, 1925, 243 p., p. 96-100.

10 Anatole de Monzie *Petit Manuel de la Russie Nouvelle* 18<sup>e</sup> ed., Paris, Firmin Didot e C<sup>ie</sup>, 1931, 334 p., p. 174-175.